Como uma caixinha de surpresas: notas sobre a popularização do futebol em Salvador, 1906 - 1912

Henrique Sena dos Santos*

Introdução

Tendo como contexto o conflito dialógico envolvendo o surgimento das práticas modernas e resistência da cultura popular na Salvador republicana, a proposta deste texto é analisar alguns aspectos que envolveram difusão e popularização do futebol na capital baiana entre 1906 e 1912. Através da análise de editorais, notas jornalísticas e relatos memorialísticos, investiga-se como este esporte, introduzido pelas elites locais em um esforço de modernização civilização dos costumes, foi apropriado pelos populares e incorporado ao seu universo cultural constituindo-se, portanto, em resistência frente à hegemonização de uma cultura moderna pelas elites. A crítica à prática do futebol nas ruas pelos então chamados de vagabundos e vadios, a formação de clubes e ligas menores, além da constante e considerada incômoda presença popular no futebol organizado pelos clubes das elites foram situações localizadas nas fontes, nas quais foi possível perceber como esta prática, foi re-significada por operários, trabalhadores modestos, meninos de rua, entre outros sujeitos. Essa expansão, seguramente, surpreendeu as elites, que pensavam o futebol enquanto um elemento de distinção social. Para esta investigação optamos pelas noções teóricas de apropriação de Michel de Certeau e cultura popular de Stuart Hall.[1]

O *foot-ball* nas ruas

Em um primeiro momento o que caracterizava a prática do futebol pelos populares era a sua ocorrência nas ruas. Apenas um ano após a criação do campeonato do futebol da Liga Bahiana de Sports Terrestres, LBDT[2], em 1905, os jornais começaram a criticar sistematicamente as crianças e adultos que praticavam o futebol em diversos logradouros

* Mestrando em História pela Universidade Estadual de Feira de Santana. Bolsista da FAPESB. Email: henrisena@hotmail.com

[1] CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994; HALL, Stuart. *Da diáspora: Identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da Unesco no Brasil., 2003.

[2] A Liga Bahiana de Sports Terrestres foi criada em 1904 pelos clubes da elite de Salvador. Entre eles estavam o Vitória, clube dos industriais da Família Tarquínio e Martins Catharino; São Salvador, clube dos grandes comerciantes da cidade e Internacional composto por ingleses residentes na capital. A primeira edição do torneio foi 1905 e este durou até 1912 devido a intensa popularização.

públicos da cidade. Comumente os jornais *Diário de Notícias* e *Gazeta do povo* denominavam o jogo dos populares de *foot-ball de garotos, foot-ball de vadios, foot-ball de vagabundos ou foot-ball prejudicial.* A insatisfação dos periódicos parece estar ligada ao fato de que o futebol praticado pelos populares não seguia as limitações da Intendência, tampouco a forma como as elites jogavam com suas regras, bolas, traves e outros materiais importados. Além disso, não seguia horário e nem tinha um local específico, desrespeitando, segundo os jornais, as pessoas e propriedades. Com isso, as críticas ao futebol de rua partiam também das próprias pessoas ofendidas ou de sujeitos que tinham suas casas e estabelecimentos comerciais danificados por uma bola, pedra ou algum outro objeto. Em sete de novembro de 1906, *o Diário de Notícias* publicava uma nota dizendo:

> *Foot-ball* de garotos
> Continua desenfreiado e insupportavel o *foot-ball* dos garotos, que absolutamente não attendem a circumstancias de occasião nem de logar, com o que prejudicam ernomemente as virdaças das casas, as plantas dos jardins publicos e a tranqüilidade dos transeuntes. É uma vergonha uma verdadeira miséria.[3]

A data em que o jornal publicou a crítica foi uma quarta-feira, o que sugere a inexistência de um dia específico para o brinquedo. Ao passo que as elites apenas jogavam nos domingos e treinavam nas quintas, o futebol nas ruas não tinha um dia certo para ocorrer. Nesta mesma nota encontramos a insatisfação de um cavalheiro que foi à redação do jornal se queixar do "prejuizo que lhe têm causado os terríveis vadios que um dia destes lhe deram forte pancada com uma lata e hoje o iam atirando ao chão com formidavel trompaço."

Existiam outras características no *foot-ball de vadios* que configuravam um sentido próprio à prática e, em alguns momentos, contraditórios ao futebol moderno. Observem que na brincadeira acima deduzimos que uma lata estava substituindo a bola. Em muitas outras notas aparecem relatos de garotos chutando, um pano velho, uma bola de meias e até bexigas de bois. Nas ruas os apetrechos utilizados para uma partida eram sensivelmente diferentes dos das elites. Ao passo que os jovens e adultos burgueses, em um esforço de distinção social, consumiam bolas, uniformes, e traves importadas e vendidas nas principais casas comerciais da cidade, os populares faziam o jogo com os recursos disponíveis.

A facilidade com que os populares reinventavam os materiais para o futebol é explicada pela simplicidade do jogo. Diferente de outros esportes que careciam de grandes investimentos para a compra dos apetrechos, ao futebol bastava qualquer objeto esférico para

[3] Jornal *Diário de Notícias,* Salvador, 07 de novembro de 1906.

a bola, além de pedras, sapatos e paus para as traves. O campo poderia ser qualquer área e seus limites geralmente eram as calçadas, as linhas do bonde ou algum outro ponto de referência.[4] Obviamente a facilidade de adaptar materiais favoreceu consideravelmente a difusão do futebol entre os populares. Enfim, as apropriações do futebol por estes grupos se constituíam enquanto uma reinvenção do aparato tecnológico e dos usos e abusos dos espaços oficialmente negados pelas instituições.[5]

Outra diferença em relação ao futebol das elites que constantemente surgia nos jornais era a linguagem verbal e corporal. No repertório comportamental do futebol civilizado, não existiam muitos espaços para confusões, brigas e desentendimentos, prevalecendo a disciplina e o cavalheirismo. Contudo, nas ruas, os jornais sempre destacavam brigas, ofensas, xingamentos e a linguagem vulgar entre os garotos e vadios. O *Diário de Notícias*, em uma de suas críticas ao *foot-ball de garotos*, relatou uma queixa da população de S. Bento, Victoria, Sant'Anna e Aflictos de "capadocios que se reunem aos magotes, formam grupos enormes e numa algazarra infernal, entre vozeiras e indecencias proferidas sem o minimo respeito às famílias". O jornal ainda salientou que tais práticas "sempre nocivas começavam por danos e terminavam em brigas e desordens."[6] Ao que parece, as brigas estavam relacionadas a noção de competitividade que entre os populares começava a surgir. Como não existiam juízes para resolver os impasses do jogo, acredito que os próprios envolvidos tentavam resolver as querelas ao seu modo, chegando a consequências perigosas em algumas ocasiões. Outra hipótese era que as brigas e ofensas que ocorriam nestes jogos eram tentativas de resoluções de conflitos de outras situações nos quais estavam envolvidos os jogadores. Para Sidney Chalhoub, eram nos botequins e em outros ambientes que permitiam a reunião de populares que as rixas e conflitos ente estes sujeitos eram resolvidos seguindo lógicas e códigos próprios que as autoridades preferiam resumir em atos bárbaros e incivilizados.[7] Neste sentido, o futebol de rua surgia como mais um espaço oportuno para os rivais resolverem suas querelas ao seu modo.

Tais consequências na maioria das vezes também envolviam pessoas que nada tinham a ver com o divertimento. Comenta o *Diário de Notícias* que o mesmo "distincto

[4] Ainda hoje nas peladas os limites dos campos improvisados como nas praias, onde o limite lateral é o próprio mar!
[5] CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer.* Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.
[6] Jornal *Diário de notícias*, Salvador, 07 de novembro 1906.
[7] CHALHOUB, Sidney. *Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da belle epoque.* São Paulo: Brasiliense, 1986.

cavalheiro" citado acima, ao censurar "os trantantesinhos a sua extravagância e falta de educação, estes se insurgiram, maltratando-o com palavras grosseiras."[8]

Pela insatisfação dos jornais, fica evidente que o sentido do futebol conferido pelos populares deturpava a função primordial da prática pensada pelas elites. Como um *sport*, o futebol deveria ser realizado metodicamente. Seus objetivos deveriam ser o desenvolvimento saudável e racional do corpo rumo à civilidade. Ao ser praticado pelos vadios, o sentido pedagógico da prática dava lugar a um caráter lúdico e despretensioso, resultando nas queixas dos periódicos:

> Creanças, que regulam de 7 a 12 annos, abandonam os livros nos degráos da egreja de S. Pedro dos Clérigos ou no passeio do jardim daquella praça e mettem-se no brinquedo, do qual não raro têm provindo desaguizados, lutas corporaes, palavradas e ás vezes ferimentos!
> E quanto aos desastres materiais, não têm conta: vidros quebrados, transeuntes atropellados pelos sportmens vadios e outros muitos inconvenientes, que varias pessoas nos têm vindo denunciar, as quaes, como nós, protestam indignadas contra essa ampla liberdade que se dá a desocupados e peraltas. [9]

Nesta nota há uma clara lamentação em perceber que o futebol popular estava tirando as crianças das escolas, um espaço pedagógico por excelência. Por sua vez, os desastres morais e materiais eram tudo o que o futebol das elites não pregava: uma atividade que, ao invés de elevar o espírito humano, estava rebaixando-o.

Devido a intensa incorporação do futebol na cultura popular e uma dita deturpação de sentidos, é possível ler nos jornais a repulsa à difusão do futebol e principalmente a tentativa de diferenciar e hierarquizar o modo como as elites e os populares o praticavam. As críticas dos jornais eram, portanto, um esforço em apresentar ao leitor desavisado que a prática popular daquele esporte não deveria ser confundida com o modo como as elites, verdadeiras conhecedoras do espírito do futebol, o praticavam. O *Diário de Notícias* de 19 de julho de 1906 se queixou de "capadocios que, sem a minima noção do que seja o bello e util jogo do *foot-ball* vivem por ahi a quebrar vidraças das casas e das igrejas."[10] O diário concluiu que "o gosto pelo sport que, em boa hora, se vae firmando entre nós é o primeiro a perder com a investida da garotada, cujo maior prazer é dar com o pé em um pau, em um objecto qualquer de encontro a uma vidraça, a um lampeão."[11]

[8] Jornal *Diário de notícias*, Salvador, 07 de novembro 1906.
[9] Jornal *Diário de Notícias,* Salvador, 20 de junho de 1906.
[10] Jornal *Diário de Notícias,* Salvador, 19 de julho de 1906.
[11] Jornal *Diário de Notícias,* Salvador, 19 de julho de 1906.

O processo de hierarquização e distinção entre o futebol das elites e o dos populares era fundamental, visto que nem toda a população conhecia a fundo o esporte. Com os populares paulatinamente se apropriando do jogo, os praticantes do futebol "correto" corriam o risco das pessoas que não faziam parte daquele cotidiano ter uma impressão negativa do esporte. Neste sentido, os jornais constantemente buscavam comparar e distinguir o futebol "saudável", praticado regularmente e dentro das normas pelos grandes clubes e o seu campeonato, do futebol nocivo e desordeiro dos vadios, garotos e capadócios. Mais uma vez o *Diário de Notícias* argumentava que:

> Enquanto os clubs regulares de *foot-ball* escolhem logares proprios para seus exercícios, os capadocios, os moleques e os vadios de toda especie abusam desse sport, jogando onde querem e como entendem, em qualquer praça ou rua da capital sem que, por isso, a policia os chame á ordem ou ao menos procure evitar as desordens e os desastres moraes e materiaes que resultam de tão condenavel pratica.[12]

Diante da impossibilidade de extinguir a prática do futebol nas ruas, os jornais buscaram comparar os dois modos de vivenciar o futebol. Na nota acima há uma tentativa de esclarecer para a população em geral que existiam na cidade modos de praticar o futebol: um associado à civilização, ao bom comportamento, regulamentado, organizado por clubes e jogado em lugares próprios para a sua realização; outro caracterizado pelas desordens, confusão e desrespeito às pessoas e propriedades. Enfim, os jornais queriam deixar claro que existia um "bom futebol" e um "mau futebol".

Embora seguramente seja possível afirmar que naquele momento existiam dois modos de praticar o futebol, estes dialogavam entre si, circulando entre as diferenças sociais da cidade. Para os populares, a diferença entre o bom e o mau futebol pouco importava, gradativamente eles estavam participando e interferindo no "bom futebol".

A presença popular no futebol das elites soteropolitanas

O envolvimento popular no futebol soteropolitano não se restringia apenas às ruas. Cada vez mais a presença destes grupos se manifestava em outros lugares, principalmente àqueles reservados ao futebol elitizado. No denominado salubre e *chic* distrito de Nazareth, no Campo da Pólvora, local onde ocorriam os jogos do campeonato da LBDT, não existia uma separação rígida entre os torcedores e jogadores, apenas um cercado os separava. O Campo também era público, qualquer interessado poderia assistir. Desta forma, as pessoas

[12] Jornal *Diário de Notícias,* Salvador, 20 de junho de 1906.

que desejassem invadir o campo por algum motivo poderiam fazê-lo. Logo na primeira partida do campeonato de 1905, uma invasão aconteceu. Com isso, o *Diário da Bahia*, na segunda partida, além de informar o horário e o nome dos contendores entre os *teams* São Salvador e Internacional, pediu também para o "público não invadir o campo de jogo durante o *match*, pois tanto atrapalha os jogadores quanto impossibilita as familias de ver".[13] Podemos concluir pela nota que o modelo de comportamento, que envolvia uma torcida educadamente sentada nas cadeiras, facilmente poderia ser maculado. Um torcedor insatisfeito com uma jogada, um lance ou uma decisão do juiz poderia atravessar o cercado e tirar satisfações com árbitros e/ou jogadores.

Se logo no primeiro torneio o *Diário da Bahia* queixava-se da invasão de campo, podemos inferir que este tipo de incidente preocupava bastante os clubes, torcedores abastados e principalmente os jogadores. Tal preocupação é corroborada, sobretudo, nos jogos e torneios subsequentes nos quais a imprensa, vez ou outra, queixava-se do comportamento de alguns torcedores, solicitando, inclusive, o policiamento em dias de jogo. Por estes incidentes, os dirigentes e organizadores do torneiro da LBDT pareciam prever que a interferência de torcedores indesejáveis poderia ocasionar grandes contratempos no seu futebol. E foi o que aconteceu.

Em uma tarde de domingo, 10 de junho de 1906, foi realizada a sexta partida do campeonato daquele ano, entre Vitória e Internacional. A princípio, a partida deveria ser uma das mais animadas e disputadas. O Vitória era um dos clubes de maior torcida naquele período, além de ter um time bem treinado. Já o Internacional fora o campeão do certame anterior sem perder um jogo. A partida tinha todos os elementos para ser um grande espetáculo. Contudo, o que os jogadores e torcedores de ambos os times viram naquele dia, segundo seus próprios relatos, foi uma sucessão de atos indecorosos e constrangedores. O motivo das indelicadezas foi o comportamento extremamente hostil de alguns torcedores para com os jogadores do Internacional. O *Diário de Notícias* relatou o incidente:

> É de lamentar que uma malta de desocupados perturbem as belas partidas a que o público acorre tão cheio de curiosa satisfação, prejudicando os movimentos dos jogadores, fazendo-os escutar ofensas quando perdem e dando triste ideia dos nossos foros de civilização. Convém notar que o Internacional é composto de ingleses que devem ter de nossa parte, como hospedes que são, todas as distinções. Achamos que a polícia bem podia sanar esta inconveniência que vai se tornando um péssimo costume[14]

[13] Jornal *Diário da Bahia*, Salvador, 16 abril de 1905.
[14] Jornal *Diário de Notícias*, Salvador, 11 de junho de 1906.

Outro jornal, segundo Aroldo Maia, ainda vai mais longe, revelando detalhes do comportamento lamentável da torcida naquele jogo:

> No *match* de futebol ontem realizado houve diversos espectadores que estiveram dignos de censura.
> Os referidos grupos desrespeitaram um dos clubes que jogavam chegando até ao abuso de atirarem para dentro do campo PEDRAS, CHINELOS, BENGALAS, etc., o que não é compatível com o crédito desta cidade. Demais jogaram ontem um apreciado clube de estrangeiros em sua maioria, portanto nossos hospedes, dignos de todo acatamento além do que o movimento esportivo que tão destacadamente vem se desenvolvendo entre nós muito precisa do concurso de todos para o estimulo dos seus adeptos.
> Isso é de péssimo efeito e será para lamentar que entre nós o futebol não possa continuar ou que se realizem as partidas de campeonato em campo particular.[15]

Por estes trechos notamos que os articulistas dos principais diários de Salvador ficaram estarrecidos com um elemento que lhes era desconhecido até aquele momento no campeonato. As ofensas dirigidas aos jogadores ingleses, além das pedras e chinelos apontam para a rivalidade que alguns torcedores começaram instituir entre os times. Embora os clubes possam, em alguma medida, controlar e regular a participação de indivíduos, aqueles não tinham o poder de determinar quem seriam os seus torcedores. Mesmo que uma pessoa não fosse associada a um clube, esta poderia torcer por uma determinada agremiação da forma que bem entendesse. Neste caso vimos que o modo como alguns indivíduos demonstravam seu apreço aos seus clubes prediletos era fundamentalmente diferente da maneira como as elites entendiam o comportamento adequado de uma torcida. O incidente também aponta para um acirramento de identidades nacionais entre brasileiros e bretões, o que possivelmente influenciou pessoas não necessariamente populares. Basta observar que uma bengala, objeto típico das elites e classes médias, fora jogado no campo. Pela impossibilidade de controle dos torcedores, os jornais, como o *Gazeta do Povo*, sugeriam um policiamento ostensivo nos dias de jogo para evitar novos imprevistos:

> Não podemos concluir a noticia da bella d hontem, sem censurar uma malta de garotos que entenderam de fazer manifestações de desagrado aos disctinctos sportmen inglezes, que se bateram com o Victoria.
> É de bom aviso chamar a attenção da policia, desde quando aquelles indivíduos acham que numa festa de civilização, entre moços, todos dignos, é azada a occasião para elles darem arrhas [sic] ao seu mal comprehendido bairrismo.[16]

Talvez uma das principais lamentações dos periódicos relacione-se como o fato de que o clube hostilizado era composto por ingleses. Em todas as notas temos uma sensação de subserviência para com os ingleses, uma vez que estes, pela origem europeia, são os

[15] MAIA, Aroldo. Originais do Almanaque esportivo da Bahia, [s.d], [s.p.].
[16] Jornal *Gazeta do Povo*, Salvador, 11 de junho de 1906.

referenciais de bom comportamento e civilidade, além de serem os inventores do futebol moderno.

O que se seguiu após este inconveniente foi a desistência do Internacional no campeonato de 1906. Porém, os outros clubes fizeram o possível para que os ingleses não abandonassem a competição. Entre as tentativas, encontramos a ata de uma assembleia da LBDT realizada em uma quarta-feira, quatro dias após a partida. Transcrita pelo *Diário de Notícias* e *Gazeta do Povo*, o documento revela os argumentos utilizados pelos outros clubes para que o Internacional desistisse de sua ideia. Alguns clubes, inclusive, pensaram em abandonar a competição em solidariedade ao clube inglês. Segue um trecho do documento:

> A Liga Bahiana dos Sports Terrestres profundamente penalisada com a resolução tomada por esse club, a qual lhe é comunicada pelo vosso oficio de 12 do corrente, vos vem declarar que faz seus os sentimentos de que vos achaes possuidos. Por terdes sido injustamente molestados por populares da mais baixa esphera social, no domingo ultimo no Campo dos Martyres, pedindo-vos, entretanto, a reconsideração desse acto pelos motivos que vae alludir: A falta de comprehensão precisa dos mais simples deveres da educação nesses desherdados da sorte e da sociedade; a carencia de um policiamento efficaz no Campo dos Martyres em dias de partida, incoveniente este, que vae ser sanado em vista das ordens terminantes dadas a este respeito pelo sr. dr. chefe de policia; a ignorancia do nosso povo, pouco habituado ainda a esses jogos que elle applaude ou censura, conforme a sua acanhada percepção e suas irrefreaveis sympathias.[17]

O que mais chama atenção na ata é a afirmação taxativa de que os populares da mais baixa esfera social, devido a sua falta de compreensão, nada entendem sobre o verdadeiro significado do futebol. Com isso, há uma tentativa de minimizar a atitude dos populares, uma vez que os próprios, desconhecendo o sentido civilizatório do esporte, "aplaude ou censura, conforme a sua acanhada percepção". Enfim, quando não são os jornais que procuram distinguir o "bom" do "mau" futebol, os próprios clubes e jogadores o faziam.

Apesar das argumentações, a decisão do Internacional não foi revogada. Uma última possibilidade para a continuidade dos ingleses era a privatização do campo na tentativa de evitar pessoas indesejáveis. No entanto, a cobrança de ingressos no torneio ocorreu apenas em 1907, quando os jogos foram transferidos para o campo do Rio Vermelho. Assim os ingleses deixaram a competição, embora permanecessem filiados à LBDT. O campeonato prosseguiu já com algumas modificações quanto ao policiamento e segurança do campo para os jogos seguintes. Em partida no dia 3 de julho de 1906 o jornal *A Bahia* informava que o "campo

[17] Jornal *Diário de Notícias*, Salvador, 15 de junho de 1906.

esteve rigorosamente policiado, superitendendo o serviço o capitão Osorio Espinheira, auxiliado pelo alferes Alexandre Miranda."[18]

O conturbado episódio envolvendo o Internacional, em si, demonstra a força da presença popular no futebol. Para além da rua, a apropriação popular da prática esportiva se dava também em espaços oficializados como o Campo da Pólvora.

Os clubes populares

A partir de 1906 é possível verificar uma ampliação quanto à força e expressão das práticas futebolísticas não oriundas das elites. Se a princípio, refiro-me aos anos de 1901 a 1905, a expressividade do esporte entre os populares e os segmentos médios restringia-se a rua e, ocasionalmente, às aparições quase sempre conturbadas nas partidas da LBDT, de 1906 a 1912 o envolvimento popular no futebol transcende os limites então estabelecidos.

Inicialmente ocorre um processo intenso de formação de diversos clubes não pertencentes a alta sociedade. O *Diário de Notícias*, durante 1906, noticiou a fundação de mais de vinte clubes.[19] A intensidade e a rapidez com que surgiam novos clubes foi alvo de algumas críticas por parte de determinados grupos em Salvador:

> Parece-nos que algumas pessoas se estão utilisando de nossas colunas para dar largas a seu genio pilherico, nem sempre de bom gosto.
> Assim é que raro é o dia que não recebemos duas e mais comunicações da fundação de novos clubs de *foot-ball*, alguns dos quaes, segundo nos informam, não existem absolutamente.
> Se em tudo neste mundo o exagero é sempre condemnavel, forçoso é confessar que, no caso dos clubs de *foot-ball*, pretensos ou reaes, a desgraça será a fartura, como já dizem.
> Varios moços nos têm vindo declarar que não fazem, nunca fizeram parte de club algum, dos muitos têm sido annunnciados ultimamente.
> Entre elles o Sr. Alvaro Soares Bahia, distincto 3º annista de engenharia , o qual nos dirigiu a seguinte carta:
> Ilmos. Srs. Redactores do Diario de Noticias, - havendo em lido o vosso conceituado orgão de publicidade a noticia da escolha do meu nome para o cargo de 1º secretario do Gaymbé *Foot-ball* Club, me cumpre vos scientificar de que não pertenço ao referido club, e muito menos dei ou dou a minha (sic) para tal escolha.
> Outrosim, lamento sobremodo a facilidade usada em semelhante acto contra o qual protesto.
> Agradecendo-vos a publicação desta e vos assegurando a minha subida consideração, sou admirador e amigo – Alvaro Soares Bahia.
> 25-07-1906.[20]

[18] Jornal *A Bahia*, Salvador, 03 de julho de 1906.
[19] Entre os clubes noticiados pelo *Diário de Notícias*, encontramos*:* Ceará *Foot-ball* Club, Caymbé *Foot-ball* Club, Sport Club Santa Cruz, Fluminense *Foot-ball* Club, Sport Club Java, Ideal *Foot-ball* Club, Sport Club Patria, Sport Club Olinda, Sport Club Phebo, Sport Club Paraíso, Grupo *Foot-ball* Chile, Sport Club Republicano, Sport Club Liberdade, Sport Club Primavera, Atlhetico *Foot-ball* Club, Derby *Foot-ball* Club, Ceci *Foot-ball* Club, *Foot-ball* Club Transwall, Sport Club União e Sport Club Athenas.
[20] Jornal *Diário de Notícias*, Salvador, 26 de julho de 1906.

Quando da afirmação, corroborada pela carta, que a desgraça do futebol seria o exagero no aparecimento de novos clubes, o jornal buscou defender de certa forma a permanência do status elitizado do futebol em Salvador. O surgimento de novas agremiações macula justamente a ideal de distinção que os grupos abastados desejavam para o esporte. Além disso, a prática futebolística, segundo os jovens endinheirados, não deveria ser realizada por qualquer pessoa. Era exigido de acordo com os estatutos de alguns clubes de elite um nível moral e social considerável para a sua prática. Se já não bastasse o futebol praticado nas ruas, a presença de novos clubes que não necessariamente seguiam um rigor quanto à seleção dos seus adeptos e associados seria considerado um risco, uma vez que o ideal de civilidade estaria ameaçado justamente pela presença de pessoas sem o nível necessário. A fundação de clubes com nomes curiosos parecer ser um indício de como algumas organizações não estavam necessariamente preocupadas em celebrar a civilidade aos modos das elites. Em 1914, por exemplo, o *Diário de Notícias* de forma contrariada noticiou a fundação de clubes com os nomes de *Team de Morte*, *Onze Diabos Foot-ball Club* e *Esporte Club dos Suicidas*, este como um uniforme de calções e camisas pretas com uma cruz branca no peito. Sobre os Suicidas o jornal comentou que:

> A mania de sport, por demasiada, levará até as aberrações o espírito de muitos de seus de seus adeptos. Senão, o que significa semelhante esdrúxula denominação?
> Levantemos a moral social e não se venha desnaturando da sua virtual essência o espírito dessa ou daquela instituição, aviltando-a ou ridicularizando-a.[21]

Outro aspecto ressaltado pelo periódico e que merece a nossa atenção é que os novos clubes fundados não tinham uma origem na alta sociedade de Salvador. A própria afirmação indignada de que não faz ou fez parte de clube algum do Sr. Alvaro Soares Bahia demonstra que muitas vezes alguns clubes não apresentavam configurações semelhantes a de grandes clubes como o Esporte Clube Vitória ou São Salvador. Aqueles poderiam ser formados para jogos esporádicos sem a pretensão de se tornar uma grande organização com muitos sócios e/ou atividade social intensa. A existência de clubes com esta característica seguramente levou o jornal a questionar a existência em absoluto de determinadas organizações esportivas.

Contudo, mesmo com bases próprias, estas organizações eram espaços nos quais determinados grupos sociais, considerados sem condição social, moral ou econômica para frequentar grandes clubes, poderiam praticar o futebol legitimamente.[22] Vale ressaltar que

[21] Jornal *Diário de Notícias*, Salvador, 11 de novembro de 1914.
[22] Sobre o clube como um espaço legítimo para populares ver: PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. "E o rio dançou. Identidades e tensões nos clubes recreativos cariocas (1912 – 1922)". In: CUNHA, Maria

algumas agremiações não representavam apenas os grupos mais pobres. Geralmente algum comerciante ou pequeno industrial poderia financiar um clube modesto e geri-lo. Todavia, tais clubes, mesmo formados por alguns setores das elites, constantemente negociavam em alguma medida a participação e inserção de sujeitos populares. Este é o caso do Fluminense e Ypiranga, fundados em Salvador respectivamente em 1905 e 1906. Embora ambos fossem dirigidos por pessoas de maiores condições econômicas e até sociais, os seus jogadores e, principalmente, torcedores poderiam pertencer a setores modestos, como estivadores, pequenos comerciantes, operários e artesãos.

Certamente, a quantidade de novas organizações futebolísticas ampliou consideravelmente a presença do futebol pela cidade. Se no início os jogos eram realizados em espaços nobres, como o Campo da Pólvora, em 1906 os jornais informavam a realização de partidas em vários locais da cidade e não apenas nos domingos ou feriados, datas consagradas pelos clubes da LBDT.

Além disso, a fundação de agremiações consideradas menores possibilitou que os seus adeptos tivessem um espaço legitimado para o cultivo do jogo. Podemos supor que muitos dos sujeitos perseguidos por policiais nas ruas encontraram nas organizações futebolísticas modestas um espaço autorizado para a prática. É neste momento que por volta de 1907 e 1908 surgem em Salvador outras ligas futebolísticas, como a Liga Sportiva Nacional e a Liga Itapagipana. Estas não eram tão noticiadas nos jornais, comportavam clubes modestos e pareciam buscar um espaço legítimo no futebol para os populares.[23]

Considerações Finais

A leitura das fontes a respeito do futebol popular em Salvador no recorte temporal estabelecido nos fez argumentar em torno de algumas proposições. De início diríamos que a civilidade e modernidade se revelaram no futebol soteropolitano de modo bastante heterogêneo e não raramente enfrentando tensões e conflitos com a gradual inserção popular naquele esporte. Embora o ideal da modernidade seja um denominador comum quando analisamos a chegada do futebol no início do século XX nas principais cidades brasileiras, é preciso ressaltar que cada cidade experimentou de forma bastante particular tanto a presença

Clementina Pereira da (Org.), *Carnavais e outras f(r)estas: ensaios história social da cultura.* Campinas: Ed da Unicamp, 2002.

[23] Infelizmente não foram encontradas notícias detalhadas ou crônicas sobre os jogos destas Ligas, apenas escassas informações sobre os resultados de alguns jogos. Porém é sabido que alguns dos mais de vinte clubes noticiados pelo *Diário de Notícias* faziam parte de uma destas Ligas.

do futebol como o envolvimento com as configurações socioculturais modernas.[24] Neste sentido, o processo de modernização, urbanização e articulação com os modelos modernos parece não ter encontrado tanto vigor quanto em outras cidades brasileiras, como São Paulo e Rio de Janeiro. Afinal, Salvador vivenciou desde os tempos imperais um processo gradual de estagnação política e econômica, o que contribui para a sua conturbada tentativa de inserção na chamada modernidade.[25] De alguma forma, estas peculiaridades da capital baiana podem ter favorecido a rápida popularização do futebol.

Além destes aspectos, é possível considerar que a popularização do futebol ocorreu devido a facilidade na prática e entendimento do esporte. Desde a instituição do futebol moderno em 1863 as regras estabelecidas foram marcadas pela simplicidade. O conceito básico permanece até hoje: dozes jogadores em um campo retangular, com medidas pré-determinadas, disputam um objeto esférico, sagrando-se vencedor aquele que em um tempo estipulado colocar o objeto mais vezes em uma balizada adversária de dimensões também determinadas. Atualmente são dezessete regras que regem o futebol. Em mais de cem anos de história, este esporte praticamente não passou por grandes alterações. No início eram vinte e três regras, mas décadas depois foram instituídas duas mudanças fundamentais, o surgimento do impedimento e do goleiro, único jogador que pode deter a bola com as mãos.[26] Para ter uma dimensão da simplicidade do futebol basta compará-lo com outros esportes: O críquete, em voga em Salvador antes da chegada do futebol, no passado era composto de muitas regras e atualmente contém cerca de quarenta e duas regras e sub-regras que compõem as principais. Já as partidas de futebol americano são tão complexas que são necessários vários juízes para analisar as jogadas. Em alguns momentos estes utilizam o auxílio de filmagens para a análise de jogadas que podem durar horas.

Enfim, as peculiaridades da capital baiana associada à dinâmica do futebol contribuíram para a popularização deste esporte de um modo que surpreendeu as elites, que viam tal apropriação com receio. Após 1912 as novas ligas e novos clubes continuaram surgindo e fomentando novas práticas e representações acerca do futebol.

---

[24] JESUS, Gilmar Mascarenhas de. 1998. "Futebol e Modernidade no Brasil: A geografia histórica de uma inovação". In: *Lecturas: Educación Física y Deportes* [online]. III(10) Disponível em Internet: http://www.efdeportes.com/efd10/geoe.htm. Acesso em 12/10/2009.

[25] AGUIAR, M. P. de. Notas sobre o "enigma baiano". *Revista Planejamento*, Salvador, v. 5, n. 4, p. 123-136, out/dez. 1977.

[26] Sobre a dinâmica do futebol ver: MURRAY, Bill. *Uma História do Futebol*. São Paulo: Hedra, 2000; FRANCO JÚNIOR, Hilário. *A dança dos deuses: futebol, cultura, sociedade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.